



a Siahona

MARÇO DE 1959

a Siahona

MARÇO DE 1959

VOL. XIII — N.º 3

Órgão Oficial DA MISSÃO BRASILEIRA DA IGREJA DE JESÚS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

a capa



SPENCER W. KIMBALL

Spencer nasceu no dia 28 de Março de 1895, na cidade de Salt Lake, recebendo o nome de Spencer Woolley Kimball.

Foi Arizona que tornou-se o lar de Spencer W. Kimball, desde o tempo em que tinha três anos de idade, até que mudou-se para Salt Lake City em 1943, a fim de tornar-se um membro do Quorum dos Doze Apóstolos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Spencer W. Kimball é um homem raro. É acessível como uma criança, sábio como um pai, amoroso como um irmão. Ele nunca fugiu de qualquer obrigação, tanto como pai, amigo e irmão, como homem de negócios, cidadão e auxiliar a sociedade ou, ainda, como Apóstolo do Senhor Jesus Cristo.

EDITORIAL

Examinai as Escrituras.....	59
-----------------------------	----

DE INTERESSE GERAL

Sua Dúvida.....	61
Spencer W. Kimball.....	62
Ele Já Ressuscitou.....	64
Jesus Alimenta A Multidão.....	66
Métodos de Datação da Idade da Terra.....	68

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento.....	60
A Igreja no Mundo.....	60
Meu Testemunho.....	75
Sacerdócio da Missão.....	75
Os Padrões da Igreja.....	78

REDAÇÃO

Editor — WM. GRANT BANGERTE

Redação — DONALD R. HARTSFIELD

DIRETOR GERENTE:

Clarel Mafrá dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1
e Matrícula de Oficinas Impressoras,
Jornais e Periódicos, conforme Decreto
N.º 4.857, de 9-11-1930.

MISSÃO BRASILEIRA

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal, 862
São Paulo, E. S. P. — Fone. 33-6761

PREÇOS:

Exterior: Ano	US\$3.00
No Brasil: Ano	Cr\$ 80,00
Exemplar	Cr\$ 7,00

EXAMINAI AS ESCRITURAS

por Presidente Wm. Grant Bangerter

JESUS nos disse, “examinai as escrituras, pois cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de Mim testificam”. Nos Seus dias as escrituras eram conhecidas pelos mestres e pelo povo à proporção que eram ensinadas. A história das escrituras desde aquele tempo tem variado bastante. Durante os séculos da idade negra a leitura tornou-se uma arte perdida. Os livros não poderiam ser encontrados entre as pessoas em geral. Os que desejassem adquirir cultura tinham que tornar-se monges, pois somente eles tinham acesso ao conhecimento escrito. Com o renascimento do estudo e a publicação de livros o povo tornou-se sequioso por mais e novo conhecimento. A Bíblia foi publicada e distribuída largamente, mas não com a aprovação do clero, que descobriu que um conhecimento geral das escrituras tornaria o povo insatisfeito com as muitas estranhas doutrinas religiosas desenvolvidas pela Igreja Católica durante o tempo da Escuridão Espiritual. Medidas severas foram tomadas a fim de conservar o povo longe da leitura e do conhecimento da Bíblia em particular. O povo rebelou-se e começou mesmo a ler; o novo conhecimento ganhou através dessa leitura foi a causa de muitas pessoas terem deixado a antiga Igreja, organizando outras novas. Conforme as Igrejas Protestantes começaram a provar as doutrinas da Bíblia, a Igreja Católica foi gradualmente encorajando seus membros a estudarem-na também. Hoje em dia a leitura da Bíblia é considerada de valor para qualquer igreja que acredite em Cristo. Realmente, muitas seitas requerem de seus membros o aprendizado dêste livro.

Ao lerem as inspiradas Palavras do Senhor, as igrejas do mundo chegaram a

muitas e diferentes conclusões concernentes à doutrina sobre a salvação. Mesmo tendo conhecimento, eles não tinham entendimento. Isto porque as chaves do conhecimento estão ligadas ao Sacerdócio de Deus, adicionado ao fato que a interpretação das escrituras só pode ser feita pelos profetas e apóstolos ordenados para êsse trabalho: “...nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação”, disse o Apóstolo Pedro. Outras chaves de conhecimento foram reveladas através do O Livro de Mormon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. O livro Regras de Fé, que acaba de ser publicado para estudo pelo Sacerdócio durante êste ano é uma maravilhosa explicação, por um dos Apóstolos, da completa verdade do Evangelho como foi registrado nos quatro livros padrões da Igreja.

Às vêzes os membros da Igreja acham que tendo ouvido sobre a história da Restauração sabem tudo sobre a Igreja de Jesus Cristo. Depois de conhecerem outras seitas ficam embaraçados ao descobrir que os outros conhecem a Bíblia melhor que eles. Êste nunca deveria ser nosso caso, sendo que clamamos seguir Cristo melhor que qualquer outro povo. Com o grande conhecimento que temos deveríamos ser muito mais sábios que o resto da humanidade. E poderemos ser, se usarmos as dádivas que Deus nos mandou.

Todos os Santos dos Últimos Dias deveriam conhecer a Bíblia. De fato, com o conhecimento revelado do Evangelho deveríamos ser os que melhor a conhecem. Acima de tudo, todos os Santos dos Últimos Dias deveriam conhecer O Livro de Mormon. Êste é o livro que nos dá um testemunho. É a revelação do Senhor à terra

(continua na página 70)

O Domingo e o Lar

O seguinte foi uma afirmação sobre a observância do Dia do Senhor, publicada em 1.º de setembro de 1928 pela Primeira Presidência.

“O Dia do Senhor é um dia santo e não um feriado. Ele foi separado como um dia de adoração. Um Dia do Senhor, sagrado, engendra reverência para com Deus. Não é agradável aos Seus olhos que esse dia seja consagrado à busca de prazeres em lugares de diversões ou qualquer outro lugar.

Escolas Dominicais e reuniões têm sido feitas de maneira tal que possam estar de acordo com a conveniência das pessoas, deixando assim uma boa porção do domingo sem compromissos para com a Igreja. Nós apelamos encarecidamente aos membros que estejam sempre em todas as reuniões e que utilizem aquela porção do domingo que não é requerida para reuniões na capela, promovendo aconchego familiar em casa, com o propósito de estimular e estabelecer maior lealdade dentro do lar, uma amizade mais íntima entre pais e filhos e relações mais achegadas entre os familiares.

Acreditamos que é desnecessário aos familiares irem além de seus próprios lares ou dos de seus parentes para o descanso e associação que são próprios para o Dia do Senhor, e por isso desencorajamos mais viagens do que o necessário para este propósito e para ir às reuniões da capela.

Deixemos suspensos todos os trabalhos desnecessários e procuremos evitar que os membros tenham suas atenções desviadas para diversões e recreações no Dia do Senhor. Se passarmos o domingo parte nas reuniões e parte em nossos lares, grandes bênçãos advirão às nossa famílias e comunidades. ■

HERBER J. GRANT,
ANTHONY W. IVINS,
CHARLES W. NIBLEY
Primeira Presidência
1.º de setembro de 1928.



• Elder Kimball Visita a América do Sul —

A proporção que se preparava para a tournée às Missões da Argentina e Uruguai, Elder Spencer W. Kimball revia, em todas as oportunidades, o seu castelhano. Ele partiu de Salt Lake City em 12 de janeiro, acompanhado de sua esposa.

Partiram de Nova Iorque dia 16 de janeiro à bordo do “S.S. Argentina” parando em Barbados, Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil antes de aportarem em Buenos Aires, Argentina, em 31 de janeiro.

Em São Paulo, Elder Kimball e senhora estiveram em breve visita com Presidente William Grant Bangerter, da Missão Brasileira.

Juntamente com o Presidente Lorin N. Pace, fizeram a tournée pela Missão Argentina que incluiu também o Chile. Seguindo-se a isso, aproximadamente no dia 18 de fevereiro, visitaram a Missão Uruguai, com o Presidente Arthur M. Jensen. O Paraguai e o Peru foram também incluídos no itinerário desta tournée e, para a nossa alegria, logo depois teremos a honra de tê-lo conosco numa tournée final pelo Brasil, mais ou menos em meados de março.

• Planos da Igreja para o Colégio a ser Erigido na Comarca de SALT LAKE —

O Sistema de Expansão da Igreja adiantou-se no campo da construção de colégios esta semana, com o anúncio dos planos para erigir um colégio na Comarca de Salt Lake.

O anúncio veio da parte de Presidente David O. McKay que dirige o Comitê de Educação da Igreja. Ele disse que os planos arquiteturais para a nova escola começarão imediatamente.

Grande número de edifícios será construído e espera-se, segundo indicou Presidente McKay, que o colégio possa começar suas operações em 1961.

O terreno para o referido colégio não foi ainda decidido, mas disse o Dr. Ernest L. Wilkinson, administrador do Unified Church Schools System e Presidente da Universidade de Brigham Young que negociações estão sendo feitas.

DOIS COLÉGIOS FORAM COMPLETADOS

A Igreja acabou de construir dois novos colégios no Pacífico. Um deles fica na área do templo, perto de Hamilton, Nova Zelândia, e foi dedicado por Presidente McKay em abril de 1958. O outro também foi dedicado por ele quando de sua viagem ao Havaí, em dezembro de 1958. Este está situado em Laie, perto do famoso Templo Havaiano da Igreja, cerca de 38 milhas de Honolulu.

O proposto colégio de Salt Lake será a primeira instituição de educação superior a ser erigida em Utah desde 1938. ■

sua duvida...

por Joseph Fielding Smith
Presidente do Conselho dos Doze
Tirado do *the Improvement Era*

A PERFEITA RESSURREIÇÃO

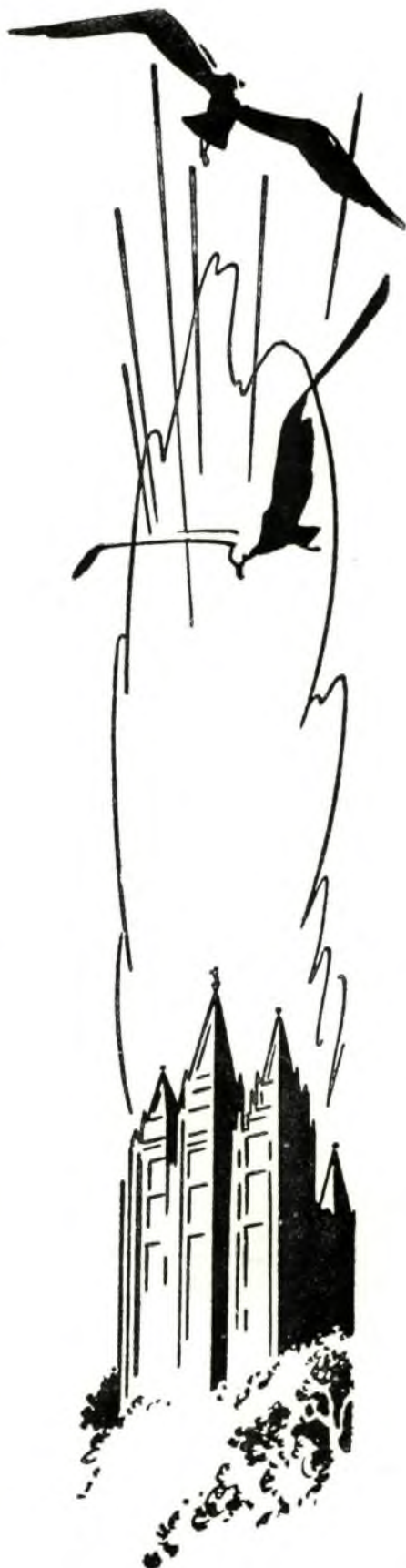
Pergunta: “Qual será o estado da humanidade na ressurreição? Esta pergunta surgiu ao discutirmos a ressurreição do Salvador. Ele apareceu a Seus discípulos com a marca das chagas nas mãos, pés e lados. Ao surgirmos na ressurreição, surgirão conosco tôdas as cicatrizes e deformidades anteriores? Se perdermos uma parte do corpo, como um braço, mão ou perna, ressurgiremos perfeitos? O professor de nossa classe designou-me para achar a resposta”.

Resposta: “Se usarmos nosso raciocínio chegaremos à conclusão que seria inconsistente nossos corpos serem ressuscitados com tôdas as suas diferentes imperfeições. Alguns homens foram queimados em estacas por causa da verdade. Alguns foram degolados e outros decapitados. João Batista por exemplo, foi degolado e recebeu sua ressurreição na época em que o Redentor ressuscitou. É impossível pensarmos n’Ele ressurgindo dos mortos com a cabeça nas mãos; a razão nos diz que êle estava fisicamente perfeito na ressurreição. Êle apareceu ao profeta Joseph Smith e a Oliver Cowdery com um corpo ressuscitado perfeito. Ao ressurgirmos dos mortos, nossos espíritos e corpos serão reunidos inseparavelmente, para nunca mais serem divididos, sendo-lhes depois designado o reino a que deverão pertencer. Tôdas as deformidades e imperfeições serão removidas e o corpo será à semelhança do espírito, pois o Senhor revelou que “o que é espiritual” é “à semelhança daquilo que é temporal; e aquilo que é temporal à semelhança daquilo que é espiritual; o espírito do homem à semelhança da sua pessoa, como também o espírito dos animais, e tôda criatura criada por Deus”. (D. & C. 77:2).

O profeta Amulek muito claramente expressou o caso, nestas palavras: “Agora sabeis: existe uma morte que é chamada morte temporal; e a morte do Cristo afrouxará os laços dessa morte temporal, para que todos se levantem dela.

O espírito e o corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma; os membros e juntas serão estabelecidos nos seus próprios lugares, assim como nós estamos neste momento; e seremos levados a nos apresentar perante Deus, sentindo o que sentimos agora, e tendo uma viva lembrança de tôdas as nossas faltas”.

(continua na página 74)



Spencer W. Kimball

**Ele faz os seus deveres com a fé de que seu
Pai Celestial o ajudará a realizar tudo o
que dêle é esperado.**

(Excertos de um artigo escrito por RICHARD L. EVANS)

OS registros não nos dizem que a vida de Spencer W. Kimball foi sempre fácil. Mesmo que pudesse ter sido, ele não tinha o temperamento para deixar que isso acontecesse. Mas, os registros nos mostram que ele tem sido guiado e salvaguardado por uma boa e previdente Providência, a fim de tornar-se o homem que provou a si mesmo ser.

Spencer nasceu no dia 28 de março de 1895, na cidade de Salt Lake, recebendo o nome de Spencer Woolley Kimball.

Woolley era o nome de solteiro de sua mãe — Olive Woolley — sendo que seu avô foi Edwin D. Woolley, que serviu por quarenta anos como Bispo da Décima Terceira Ward de Salt Lake City e bastante achegado a Brigham Young. Associado em Spencer estão também as qualidades dos Kimball e o caráter de seu avô, Heber C. Kimball, apóstolo, profeta, missionário e fiel e corajoso conselheiro de Brigham Young. Com a força e fé (sim, e mesmo a sua construtiva obstinação) dos Kimball e Woolley, Spencer tem em si o material do qual os homens fortes são feitos. E, todos os seus antecedentes, tradições e experiências na vida parecem apontá-lo para um propósito especial.

Ele, primeiramente, parece ter sido abençoado com uma habilidade em acreditar. Em seguida, parece ter sido abençoado com um desejo de trabalhar com o espírito de uma performance fiel. Conhece as pessoas; sabe o seu propósito; sabe que deve estar pronto para ajudar nos negócios do Pai e vive sua vida com uma grande, impulsiva e sustentadora fé. Ele fala muitas vezes sobre Nefi, dizendo que ele nunca poderia realizar tantos trabalhos impossíveis quanto realizou, sem uma fé superior — e Spencer Kimball faz os seus deveres com a fé de que seu Pai Celestial o ajudará a realizar tudo o que dêle é esperado. Ele dirige a si próprio inexoravelmente. É uma de suas características levar uma máquina de escrever no carro e escrever cartas enquanto os outros dirigem. Seu lar é também seu escritório, onde, durante todo o tempo disponível dita muitas cartas, algumas sugestivas, outras persuasivas, pedindo, exortando os outros a um trabalho mais efetivo nas designações da Igreja ou dando encorajamento e conselho às pessoas em seus problemas pessoais.

Apertar sua mão é uma experiência que faz-nos aquecer o coração, pois em seu

aperto de mão há não só uma firme força física, mas também ardor, amizade sincera e completa afeição por seus companheiros.

É um homem de muita coragem; coragem física tanto quanto moral. Está ciente de sua importante posição e presta a ela o respeito devido, sem nunca parecer estar cômico de sua importância. Ele nunca dá uma sugestão, mencionando a sua própria retidão. Nunca esquece seu senso de humor e, em seu humor há sempre a evidência de um coração compreensivo.

Tem favorecido fervorosamente as pessoas indefesas, especialmente os índios e parece sempre compreendê-los. Ele os protegeu quando defendiam uma causa bastante impopular. Viu nesse povo os filhos da promessa e muito falou sobre o dia que serão os recipientes das mais escolhidas bênçãos de nosso Pai Celestial e não mais um povo desprezível.

O senso de responsabilidade de Spencer Kimball a respeito dos índios não vem somente dele. Seu pai, Andrew Kimball, serviu como presidente de missão num território índio por doze anos, antes de ser chamado pela Primeira Presidência para deixar Salt Lake City, levando sua família, para presidir sobre o St. Joseph Stake em Gila Valley, a oeste do Arizona — uma estaca que veio a estender-se de El Paso, Texas, no este, a Miami, no oeste, e até a fronteira mexicana no sul. Este chamado foi fielmente preenchido por seu pai por mais de vinte e seis anos — até o dia de sua morte.

E, foi assim que o Arizona tornou-se o lar de Spencer Kimball, desde o tempo em que tinha três anos de idade, até que mudou-se para Salt Lake City em 1943, a fim de tornar-se um membro do Quorum dos Doze.

É evidente que durante aqueles anos em Arizona e desde então, havia nele um homem incomum, com qualidades que ce-

do foram postas em evidência e que o conduziram ao sucesso: — sucesso na escola, sendo que na Gila Academy foi presidente de sua classe, presidente do corpo estudantil, e ainda mais, foi graduado com grande honra. — Sucesso como atleta, jogando “basketball” para o time da escola com um invenjável registro de pontos. — Sucesso como missionário. — Sucesso em negócios, como banqueiro e fundador de uma companhia de seguros e corretagem. — Sucesso em seu trabalho cívico e à comunidade, incluindo o Rotary, onde foi honrado não só com a presidência de seu próprio clube, mas como administrador em seu distrito, e em muitas outras atividades. — Sucesso como espôso, pai e amigo. — Sucesso em seu trabalho na Igreja, de presidente do quorum dos Diáconos a Apóstolos. E, além de tudo isso, sua inexpugnável boa-vontade e direção tem guiado outros a captar o ardor de seu entusiasmo.

Mesmo com toda a confiança que tem em sua missão, quando ao ser chamado para o Conselho dos Doze, Irmão Kimball sentiu-se cercado de dúvidas e preocupações — não dúvidas quanto a seu trabalho, mas quanto a sua própria habilidade e capacidade. De 18 de julho de 1943, quando Presidente Clark, falando em nome de Presidente Grant telefonou-lhe de Salt Lake City, dizendo-lhe que havia sido chamado para o Conselho dos Doze — até o dia em que foi apoiado e ordenado, depois da conferência geral de outubro, ele sujeitou-se a um intensivo ajustamento pessoal do qual ninguém, sem que tenha passado pelo mesmo, pode conceber. Três meses de sensitiva e acurada pesquisa própria — como Paulo em sua preparação arábica para seu ministério — seguido de uma forte determinação de dedicar sua vida ao chamado que lhe foi feito. E assim o fez.

(continua na página 71)

Ele já Ressuscitou

por Presidente DAVID O. MCKAY

«Pela primeira vez na história do homem as palavras: «Ele está morto» foram substituídas pela divina mensagem: «Ele ressuscitou!»



COM a morte de Jesus, os apóstolos foram abatidos pela tristeza. Durante a Sua crucificação tôdas as esperanças se desvaneceram e o intenso pesar, a história de Tomé, a perplexidade moral de Pedro e o evidente preparo para um funeral permanente, combinam para ilustrar o predomínio de um temor de que a redenção de Israel havia fracassado.

Apesar das repetidas afirmações de Cristo de que Ele voltaria depois da morte, os apóstolos pareciam não compreender isso claramente. Na crucificação estavam temerosos e desencorajados. Por dois anos e meio eles haviam sido elevados e inspirados pela presença de Cristo, mas agora Ele havia partido e eles estavam sós, confusos, temerosos e desesperançados. Somente João permaneceu perto do madeiro.

O mundo nunca haveria de ser abalado por homens cujas mentes estivessem tão vacilantes, duvidosas e desesperadas como possuíam os apóstolos no dia da crucificação.

O SÊLO DE GENUINIDADE

O que foi que súbitamente transformou esses discípulos em ousados, destemidos e heróicos pregadores do Evangelho de Jesus Cristo? Foi a revelação de que Cristo havia ressuscitado da sepultura. Suas promessas foram guardadas, Sua missão como Messias fôra cumprida. Nas palavras de um eminente escritor, “O final e absoluto sêlo de genuidade foi pôsto em suas reivindicações e o indelével marco de uma autoridade divina sôbre todos os Seus ensinamentos. A tristeza da morte havia sido banida pela luz gloriosa da presença de seu ressurgido e glorificado Senhor e Salvador.

“Na evidência dessas desprezíveis e acreditadas testemunhas, a fé na ressurreição tinha seu inexpugnável fundamento”.

Um dos primeiros a escrever o seu testemunho foi “Marcos, cujo nome judaico original era João. Ele era primo de Barnabé. Não há

registro que mostre ter êle se unido à Igreja durante o tempo em que Cristo estava na terra. Há motivo para se acreditar que êle fôsse um converso de Pedro que sempre o chamava afetuosamente de “Marcos, meu filho”. (I Pedro 5:13). Sua mãe acreditava na santidade de Cristo e foi em sua casa que os apóstolos se alojaram pelo menos logo depois da ressurreição, se não antes, e não é improvável que o próprio Jesus estivesse em sua casa na noite da traição.

Marcos, então, tinha idade suficiente para saber e ter relações pessoais com os homens que haviam sido testemunhas oculares da ressurreição. É muito provável que fôsse êle o jovem que se precipitara ao Jardim de Getsemane com somente uma pele de carneiro cobrindo seu corpo. O certo é que êle estava intimamente associado com Pedro de quem êle ouviu, naquela ocasião, e não mais tarde, todos os detalhes a respeito da morte de Jesus, de Seu funeral e de Sua ressurreição.

A questão de quem foi o autor do Segundo Evangelho nunca foi discutida pelas igrejas cristãs, e, mesmo o criticismo moderno, negativo e destruidor, está disposto a tê-lo como o autor de pelo menos a principal parte do presente Evangelho.

O PRIMEIRO TÚMULO VAZIO

Marcos não narra nenhuma aparição do Senhor resurgido, mas êle testifica que o anjo no túmulo anunciou a ressurreição e prometeu que o Senhor encontraria Seus discípulos. De Marcos nós ouvimos a gloriosa proclamação do primeiro túmulo vazio do mundo. Pela primeira vez na história do homem as palavras “Êle está morto” foram substituídas pela divina mensagem “Êle ressuscitou”!

Para êle a ressurreição não era fabulosa, nem problemática, nem questionável — era real; e a aparição de seu Senhor e Mestre entre os homens era um fato estabelecido em sua mente sem qualquer sombra de dúvida. À proclamação desta verdade êle devotou a sua vida; e se podemos confiar na tradição, êle selou seu testemunho com seu sangue.

O TESTEMUNHO DE LUCAS

Outro que escreveu seu testemunho ocular foi Lucas, um gentio, ou, como pensam alguns, um prosélito da Antióquia na Síria, onde tinha a profissão de médico. (Colossenses 4:14).

O que êle escreve é o resultado de indagações e investigações pessoais, e foi tirado de tôdas as fontes fidedignas. Êle particularmente entrevistou e gravou as declarações daqueles que “desde o início foram testemunhas oculares, e ministros da palavra. Lucas assevera ter traçado acuradamente tudo desde o início, para que pudesse escrevê-lo “em ordem”. Isto significa que êle obteve o testemunho dessas “testemunhas oculares” diretamente dêles e não de narrações prévias.

De acôrdo com todo testemunho verdadeiro, temos o Evangelho de Lucas como saiu de suas mãos. No Capítulo 24, versículos cinco e seis, Lucas testifica à divina mensagem: “Porque buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, porém já ressuscitou”. Nesse mesmo capítulo êle também testifica da realidade da aparição de Jesus aos Onze.

Com igual segurança quanto à sua exatidão podemos aceitar suas afirmações e seu testemunho em comparação aos testemunhos de Pedro, de Paulo e de outros apóstolos concernentes à ressurreição, “aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por êles por espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao reino de Deus”. (Atos 1:3).

Quem pode duvidar da absoluta confiança que tinha Lucas na realidade da ressurreição?

O TESTEMUNHO PESSOAL DE PAULO

É verdade que nem Marcos nem Lucas testificam de ter visto pessoalmente a ressurreição do Senhor, e, porisso, alguns julgam que seus escritos não podem ser considerados como evidência de primeira mão. Que êles disso não testificavam e contudo estavam convencidos que outros realmente haviam-No visto, mostra quão incontrastável era a evidência entre os apóstolos e outros discípulos de que a ressurreição era uma realidade.

(continua na página 72)



JESUS ALIMENTA A MULTIDÃO

por DOYLE L. GREEN

P A R T E XIV

EXCURSIONANDO pela Galiléia Jesus foi, de cidade em cidade, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho e curando pessoas de seus males. Voltou ainda uma vez a Nazaré, cidade onde habitara a maior parte de sua vida, onde tinha sido respeitado e onde tentava se fizera de arremessá-Lo por sobre um penhasco. Contudo, apesar das desagradáveis experiências, o Senhor apiedou-se ainda de seus antigos concidadãos e ensinou-os na Sinagoga.

“Donde lhe vem esta sabedoria e poderes miraculosos?” Perguntavam as pessoas. “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós tôdas as suas irmãs? Donde lhe vem pois tudo isto?”

Uma segunda vez regeitaram ao Senhor. Jesus pasmou-Se e ficou dolorosamente magoado porque não podiam crer. “Não há profeta sem honra senão na sua terra e na sua casa”, disse-lhes Ele. Novamente privaram-se das grandes bênçãos e após ter Jesus imposto Suas mãos sobre um pequeno grupo de pessoas doentes, curando-as, partiu.

Os doze apóstolos foram chamados pelo Senhor e durante certo tempo receberam instrução intensiva. “A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos”, declarou. Chamando a Si os doze, ordenou-lhes seguir

avante e pregar, curar doentes e expulsar espíritos imundos.

Sua missão, falou-lhes, não se destinava aos gentios, senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Deviam proclamar que estava às portas o reino dos céus e seguir sem bolsa ou alforge, sendo prudentes como as serpentes e simples como as pombas.

O Senhor sabia que esta seria uma árdua incumbência, tanto para eles como para os que viessem a ser convertidos. Confortou-os então com as palavras: “Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á”.

Portanto, Seus discípulos O deixaram, espalhando-se por toda a região. Jesus permaneceu pregando em muitas cidades da Galiléia. A obra de proclamar o Evangelho estava prosseguindo diligentemente.

Entretanto, no forte de Machaerus, a leste da extremidade meridional do Mar Morto, nas distantes fronteiras do reinado de Herodes Antipas, o fiel precursor de Deus, João Batista, jazia ainda acorrentado. Era aniversário de Herodes que para celebrá-lo oferecia grande festa, à qual convidou os seus dignatários, os oficiais militares e os principais da Galiléia. A filha de Herodias, esposa de Herodes, dançou para os dignatários presentes. Cheia do fogo dos seus ancestrais filhos do deserto, agradou tanto a Hero-

des que êste prometeu-lhe qualquer coisa que desejasse, até a metade de seu reinado. Excitantamente dirigiu-se ela à mãe, revelando o que dissera o rei. De imediato esta astuciosa e perversa mulher, reconheceu uma oportunidade para satisfazer o desejo egoísta e covarde que o rei lhe vinha negando, e que estava a corroer-lhe a alma. Era a oportunidade para eliminar o profeta que ousara condená-la por seus pecados. Dessa forma, induziu a filha para que solicitasse de Herodes a cabeça de João Batista.

Que dia malévolo! Quão baixo podem as pessoas descer. Mesmo Herodes ficou pasmo. Nada tinha contra João; ao contrário, cada evidência parece indicar que o admirava. Mas comprometera sua palavra diante dos cavaleiros, capitães e comandantes, e nada havia a fazer, pensou, senão cumpri-la. Menos que isso torná-lo-ia desacreditado, e tal coisa nunca deve ocorrer com um rei! Chamou então um carrasco e enviou-o à prisão para executar a ordem.

Que infeliz término para a vida terrena dêse fiel e grande homem, o ter seu pescoço colocado numa pedra, a cabeça cortada, sendo depois entregue, no palácio, à filha de Herodias, que então apresentou-a à mãe! Quando os discípulos de João foram cientificados dessa terrível morte, tomaram o corpo de seu amado profeta, deitando-o na tumba.

Como deve ter sofrido Herodes ao meditar sobre o que havia feito! Logo após a execução, soube da fama de Jesus, provavelmente pela primeira vez. "Quem é êste profeta?" perguntou-se, concluindo que devia ser João soerguido dos mortos.

Ao término de sua primeira viagem missionária, os doze apóstolos retornaram a Cafarnaum, para relatar a Jesus o que haviam realizado. Por essa época, provavelmente sabendo que Herodes o buscava, Jesus e Seus discípulos atravessaram de novo o Mar da Galiléia, penetrando o deserto perto da cidade de Betsáida, mas o povo soube onde havia ido e milhares deles seguiram-No, carregando seus doentes para serem curados. Jesus teve compaixão do povo e curou seus enfermos, e ensinou-lhes sobre o

reino de Deus. Passou-se o dia e, à medida que anoitecia os discípulos do Senhor ficaram preocupados. Estavam a alguma distância da aldeia; o povo ficara sem alimento a maior parte do dia, nada havendo para que comessem; sugeriram a Jesus enviar o povo de volta, para que assim, entrando nas vilas, conseguissem alimentos.

Jesus disse: "Dai-lhes vós mesmos de comer". Mas como poderiam êles? Apenas possuíam cinco pães, dois peixes e dinheiro insuficiente para comprar na aldeia comida que satisfizesse cinco mil pessoas! Jesus instruiu Seus discípulos a acomodar o povo sobre a grama. Então sentaram-se, O Senhor abençoou o pão e o peixe, enviando os discípulos a distribuí-lo pela multidão.

Retrate o espanto do povo reunido, bem como dos discípulos, à medida que distribuíam o alimento. Quanto mais tiravam das cestas, mais cheias ficavam. Certamente estava ali um milagre semelhante ao qual não se presenciara ainda no mundo. As cinco mil pessoas se satisfizeram. Então Jesus instruiu os discípulos a ajuntar as sobras, de maneira que nada se perdesse, e após tudo recolhido para armazenar, encheram-se doze cestas.

A exaltação dos ânimos crescia entre o povo, à medida que se compenetravam do ocorrido. A menos que algo fôsse feito os cinco mil viriam e arrebatá-lo-iam pela força, para o proclamarem rei. Instruiu então Seus discípulos a entrarem na barca e retornarem a Cafarnaum, enquanto Êle dispersava a multidão. O povo no entanto não queria que partisse e tentaram persuadi-Lo a tornar-Se rei. Ainda assim mandou-os embora e subiu a uma montanha para orar a Seu Pai Celestial.

No lago, os discípulos estavam tendo dificuldades com um vento oeste que formava grandes ondas, impedindo-os de seguir a rota. Dentro da noite batalhavam, remando contra o vento. Conhecendo sua aflição, Jesus veio em seu auxílio, caminhando na superfície das águas. Quando os discípulos viram uma figura cami-

(continua na página 73)



Métodos de Datação da Idade da Terra

por JOSEPH N. HODGSON

TEM sido há muito tempo o desejo ardente dos homens descobrir porque existem e como vieram ao mundo. O anseio de conhecer sua origem, ainda que responsável por muitas das mais benéficas aquisições científicas mundiais, tem também freqüentemente cegado aos homens, persuadindo-os a aceitar suposições infundadas, fatos e conclusões teóricas como verdade absoluta. Uma dessas teorias é denominada evolução. Quase uma ciência por si mesma, a evolução veio envolver um desenvolvimento gradual das mais baixas formas de vida como exposto pelos principais cientistas e estudantes, que afirmam que o homem é um ser relativamente novo, tendo se desenvolvido de pedaços toscos de argila, das menores células semelhantes à ameba, através dos últimos dois bilhões de anos.

Aceitando esta teoria, os evolucionistas puseram em dúvida os testemunhos bíblicos que afirmam que transcorreram somente poucos milhares de anos desde que Deus criou a Terra e

nela colocou o homem, na forma exata que o vemos hoje em dia.

As descrições da criação relatam categoricamente que o céu e a terra foram criados em seis períodos de um dia cada, com a esplanção escritural que um dia para o Senhor tem o valor de mil anos, de acôrdo com o nosso cálculo do tempo ⁽¹⁾. Acrescente ao tempo de criação de 7.000 anos (seis “dias” de trabalho e um “dia” de descanso) os aproximadamente 6.000 anos mais que tivemos desde então e a idade total da terra, de acôrdo com a Bíblia, será de 13.000 anos. A discrepância entre este relato e os cálculos dos evolucionistas não deve ser desprezada, pois é o ponto crucial no conflito violento entre dois conceitos da vida e existência.

Até recentemente, os crentes confiavam unicamente nos métodos de observações e hipóteses.

Porém, felizmente foram descobertas evidências científicas poderosas que vieram des-

mentir, mesmo aos olhos de muitos dos mais famosos cientistas, a doutrina evolucionária. Uma grande parte da assim chamada evidência conclusiva que os evolucionistas divulgam é baseada em vários métodos de datar a terra e sua atmosfera; podendo-se verificar que são incorretos, contraditórios e mesmo favoráveis à história da criação. São esses métodos de datar que consideraremos.

Um dos elementos necessários à vida vegetal e animal é o carvão. Uma pequena proporção dêle é radioativa (C 14); isto é, êle desprende partículas que podem ser averiguadas por um instrumento apropriado, como o calculador "Geiger". Existe normalmente uma proporção de carvão entre a atmosfera e a matéria viva. Porém, quando morre um espécime êle cessa de receber carvão da atmosfera e sua radioatividade invariavelmente declina, à proporção que C 14 decai a outros elementos. Sendo assim, medindo-se a intensidade da radiação de um espécime outrora vivo, pode-se determinar sua idade desde sua morte. Por êste método os cientistas clamam ter traçado a remanescente de homens e animais de há centenas e milhares de anos.

Os conflitos com as declarações bíblicas, concernentes à época em que a vida começou sobre a terra, são causados por uma suposição errônea de que em épocas passadas, a concentração de C 14 na atmosfera era a mesma de hoje em dia, quando em verdade não é. Foi confirmado que o C 14 na atmosfera aumentou do montante original de zero, e calculando-se a marcha do desenvolvimento, ficou provado que há 15.000 mil anos atrás não poderia ter havido, de forma alguma, C 14 na atmosfera.

O C 14 é formado por neutrons cósmicos (partículas pequenas e de grande velocidade, carregadas neutralmente) de volume exterior atuando com nitrogênio, que é um constituinte comum da atmosfera. Sendo que a fonte cósmica de neutrons permaneceu positivamente constante através dos anos, o C 14 tem sido produzido regularmente. Além disso, foi determinado por mensuração direta que o C 14 tem sido formado mais depressa do que é desintegrado. Contudo, cientistas afirmam que êle tem decaído tão depressa quanto tem sido produzido,

portanto, mantendo na atmosfera uma concentração constante de C 14.

Empregando-se a medida fixada sobre a formação de C 14, e sua abundância presente e propriedade de queda, pode ser calculado o tempo no qual êle foi formado, que obviamente irá coincidir com o tempo em que foi formada a atmosfera. É significativo que esta data seja de aproximadamente 15.000 anos atrás, querendo isso dizer que antes desse tempo não havia atmosfera para manter a vida e por isso não existiria nenhuma vida na terra. Não somente a concentração da atmosfera do C 14 não constante, afeta a data na qual a atmosfera é tida como tendo sido originada, como também plantas e espécimes animais que supunham-se anteriormente ter milhões de anos, têm que ser redatados e sabe-se que eles têm idade dentro dos limites da escritura.

Um dos produtos da queda do urânio e o tório é o hélio. Uma mensuração do hélio acumulado na atmosfera fixou a idade da mesma de cerca de 12.000 anos. Para harmonizar esta descoberta com os dois bilhões de anos que eles conferiram à idade da atmosfera, os evolucion-



nistas afirmam que o hélio tem se escapado da atmosfera para o espaço e que conseqüentemente há menos hélio a ser medido. Entretanto podemos presentemente provar que esta explicação é errônea, porque a terra por si mesma movimenta-se através de uma concentração de hélio suficientemente forte para prevenir qualquer fuga; além disso, fontes cósmicas, por si mesmas, adicionam apreciavelmente mais hélio, reduzindo ainda mais a possibilidade de sua perda. Os resultados de análises de métodos de datar empregados corretamente, novamente mantêm a verdade revelada de que a terra existe somente há poucos mil anos.

Igualmente tão incertos quanto êsses métodos de datação são outros, baseados no hélio existente nas rochas, degradação do urânio e urânio existente nas águas dos rios. Cada método se baseia numa premissa errônea, pois os elementos medidos não se encontravam, de forma alguma, entre os elementos testados no comércio do mundo.

Esta prova conclusiva não está de maneira alguma no campo científico. Pretendeu-se apenas mostrar que apesar das teorias enganadoras, *ciência e religião podem e serão unidas*.

Crenças científicas dependem do conhecimento de dados existentes e foi brevemente demonstrado que pode-se tirar conclusões errôneas. E ainda que a ciência tenha ensinado desde há muito tempo que a terra tem bilhões de anos, foi descoberto que os correntes métodos

de datar são de valor dúbio, e em alguns casos falsos. Nós não podemos positivamente determinar com exatidão a idade da terra, porém os indícios são de que a terra é muito mais nova do que se tem acreditado. O significado destas descobertas é que elas eliminam a possibilidade de haver existência em mais de poucos milhares de anos e anulam as idéias evolucionistas.

Novas descobertas se processarão nos campos científicos, revolucionando conceitos universalmente defendidos, embora as verdades reveladas por Deus sejam eternas e imutáveis. Através de Seus profetas, Deus revelou a idade da terra e o fim com que foi ela criada. Ele não experimentou várias formas de vida e finalmente produziu o homem. Ele não criou uma “ameba” primeiramente e deixou-a desenvolver, transformando-se em peixe, chipanzé ou em homem. Ele não apresentou planos para que fôsem selecionados e aprovado o mais apropriado. Em vez disso, Ele criou o homem em Sua imagem e semelhança, pois somos literalmente Seus descendentes.

Eventualmente, a ciência e a religião irão coincidir, pois não pode haver descrédito entre elas. A verdade é única e eterna e a compreensão humana, se usada propriamente, fará com que os ensinamentos dos homens coincidam com as revelações de Deus aos Seus servos. ■

(1) II Pedro 3:8; Abraão 3:3-4.

Editorial

(continuação da página 59)

nos Últimos Dias. É a mensagem da restauração. É um livro para ser ensinado às nossas crianças e para ser lido em nossas reuniões familiares. É um livro que deve ser lido e relido de tempos a tempos e que deve ser estudado, a fim de sabermos as regras de vida a serem por nós seguidas e, portanto, o caminho para nossa salvação. Deveríamos também, tornar-nos familiarizados com o Doutrina e Convênios. Ele contém os mandamentos vivos do Senhor ao povo, em nossos tempos. Não é esperado de nós que vivamos pela lei morta de Moisés, nem

que sejamos governados por tôdas as condições necessárias no tempo dos Apóstolos e da estadia de Cristo na terra. Espera-se de nós que vivamos de acôrdo com as condições atuais, como nos foi revelado nos últimos dias. O conhecimento das promessas de Cristo é tão maravilhosamente dado neste livro que pelo entendimento destas admiráveis revelações ganharemos vida eterna.

Devemos, finalmente, ter conhecimento da A Pérola de Grande Valor que nos dá uma visão da Eternidade e da unificação do Evangelho de Jesus Cristo para todos os povos e por todo tempo. Procuremos saber as escrituras. ■

Spencer W. Kimball...

(continuação da página 63)

Afora o seu chamado para o Conselho dos Doze, a carreira eclesiástica de Spencer incluiu muitos cargos e atividades. Ele foi ordenado aos ofícios sacerdotais usuais, de diácono a sumo-sacerdote. Serviu como professor da Escola Dominical aos quatorze anos, como mestre visitante, corista de sua "ward", membro e líder do câoro; serviu no conselho administrativo da Escola Dominical de sua estaca, quando ainda adolescente. Tornou-se secretário da St. Joseph Stake aos vinte e dois anos.

Spencer passou sua missão na Central States Mission, Estados Unidos, sob a direção de Presidente Samuel O. Bennion. Ao ser desobrigado era presidente do Distrito de Missouri, com mais ou menos trinta missionários sob sua supervisão. E, ele nunca perdeu o zelo missionário. Como vice-diretor do comitê de missionários da Igreja, está sempre fazendo pressão para uma melhor e mais efetiva realização. O trabalho missionário nas estacas e entre o povo em geral, especialmente às classes mais desprivilegiadas, têm merecido sua particular atenção e tem feito um grande progresso sob sua direção.

Entre as muitas coisas nas quais Spencer foi abençoado, a maior de todas foi na escolha de sua esposa, Camilla Eyring, filha de Edward Christian Eyring e Caroline Romney Eyring, uma mui distinguida família. Ela veio do México nos turbulentos dias das colônias Mormons em 1912 e, mais tarde, em 1917, foi a Trachter como professora. Spencer a viu — e ficou impressionado com que viu; propôs-lhe então um outro tipo de carreira. Ditosamente para os dois, ela o aceitou, vindo a ser mãe de quatro filhos.

Como mãe inteligente e devotada, como anfitriã, como auxiliar na Igreja e sociedade e como mulher de bom julgamento e temperamento, como uma companheira escolhida, Camilla Kimball complementa Kimball de uma maneira

notável. Ela tem sido uma abençoada e maravilhosa mãe e esposa, tendo conhecido os tipos de sorte, todas as mudanças de cenas e todos os incômodos de viajar de um lugar para outro, como alguém que sabe que seu lar é sempre onde a carreira do esposo exige que seja. Seu lar é sempre um lugar onde qualquer um encontra hospitalidade e sustento.

Ninguém sabe todas as coisas feitas por Spencer Kimball a favor da humanidade — nem mesmo Camilla, a sua esposa — nem mesmo seus irmãos. Ninguém sabe a extensão do fundo monetário pessoal que ele tira de seu próprio bolso para a assistência dos necessitados, especialmente para seus irmãos lamanitas. Ninguém sabe todas as cartas que ele escreve, todas as reuniões que dirige, todas as viagens que faz — dirigindo, pregando, encorajando, nunca poupando a si próprio.

Pessoas com dificuldades vão a ele, tanto velhos como jovens, pedir-lhe ajuda na solução de seus problemas pessoais. Ele está de manhã à noite em seu escritório. Ama seu próximo; ama a sociabilidade; gosta de cantar e tocar piano; ama a grandeza da natureza e as coisas belas e distintas. Ama a vida — e a vive com um fim em vista.

É um homem de força e dignidade, de personalidade, persuasão e fé. Acredita que com a ajuda de Deus o impossível é possível. Reconhece a profunda importância de seu chamado e devota-se inteiramente a ele, com um tipo de dedicação raro entre os homens.

Spencer W. Kimball é um homem raro. É acessível como uma criança, sábio como um pai, amoroso como um irmão. Ele nunca fugiu de qualquer obrigação, tanto como pai, amigo e irmão, como homem de negócios, cidadão e auxiliar à sociedade ou, ainda, como Apóstolo do Senhor Jesus Cristo. ■

(Este artigo foi transcrito do "The Improvement Era", Vol. 57, outubro de 1954, págs. 704 em diante).

traduzido por VERA MARIA GAERTNER

Ele Já Ressuscitou...

(continuação da página 65)

Um documento proveniente de uma testemunha ocular da aparição de Jesus depois de Sua morte e funeral, corrobora o testemunho não somente dos dois homens mencionados, mas dos outros também. Refere-se a Paulo, cujo nome judeu era Saulo, um judeu de Tarso, educado aos pés de Gamaliel. Era um fariseu severo que, antes de sua conversão, perseguia cruelmente todos os que acreditavam em Jesus de Nazaré como tendo ressuscitado da morte. Leia no capítulo 26 de Atos sobre sua conversão e da aparição de Cristo a ele. Naquele capítulo imortal ele afirma a fé dos Santos na ressurreição de Cristo como um fato histórico por raciocínio e analogia a fim de remover certas objeções naturalistas à grande doutrina.

Seu testemunho direto e confirmatório da aparição de Cristo, transcrevemos abaixo:

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras;

“E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras;

“E que foi visto por Cephas, e depois pelos doze.

“Depois foi visto, uma vez por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, e alguns já dormem também.

“Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

“E por derradeiro de todos foi visto também por mim, como um abortivo.

“Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, por-

que persegui a igreja de Deus”. (1 Cor. 15: 3-9).

Para resumir: a evidência direta da ressurreição pode ser afirmada como segue: primeiro, a súbita e maravilhosa transformação no espírito e trabalho dos discípulos. Segundo, a praticamente universal crença da primitiva Igreja como se encontra nos Evangelhos. Terceiro, o testemunho direto de Paulo.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias sustenta com Pedro, Paulo, Tiago e com os outros apóstolos que aceitaram a ressurreição, não somente como sendo literalmente verdadeira, mas como a consumação da divina missão de Cristo na terra.

Mil e oitocentos anos depois de Jesus morrer na cruz, Joseph Smith declarou:

“Vi uma coluna de luz, exatamente sobre a minha cabeça, de um brilho superior ao do sol que, gradualmente descia até cair sobre mim.

“Logo após este aparecimento senti-me livre do inimigo que me havia cercado. Quando a luz repousou sobre mim vi dois personagens, cujo brilho e glória sobrepujavam a qualquer descrição, pairando no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse apontando para o outro — “Este é o Meu Filho Amado, ouvi-O”.

Desde que Cristo viveu depois da morte, o mesmo será com todos os homens, cada um tomando o seu lugar no grau de glória que melhor lhe couber. Desde que o amor é eterno como a vida, a mensagem da ressurreição é a mais confortadora, a mais gloriosa jamais dada ao homem; pois quando a morte nos tira um ente querido, nós podemos olhar com segurança ao túmulo aberto e dizer: “Ele não está aqui; Ele já ressuscitou!” ■

PROGRAMAS DE RÁDIO NO BRASIL

★ SÃO PAULO

Rádio Gazeta — Entre 16 e 17 Horas — Quintas-Feiras.

★ LONDRINA

Norte do Paraná — *Rádio Clube de Rolândia* (930 Kc.) — Terças Feiras e Sábados às 11,15 Horas.

★ B A U R U

Rádio Auri-Verde de Bauru — Entre 13,15 e 13,30 Horas — Terças-Feiras.

Jesus Alimenta . . .

(continuação da página 67)

nhando na água em direção a êles, pensaram ver um espírito e gritaram de medo. Mas disse-lhes o Mestre: “Tende bom ânimo. Sou Eu. Não temais”.

Simão Pedro disse então: “Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter Contigo por sôbre as águas”. Jesus respondeu: “Vem”. E Pedro descendo do barco andou por sôbre as águas e foi ter com Jesus.

Mas o bom homem olhou em derredor e viu o forte vento chicoteando as ondas. No meio delas começou a duvidar e à medida que se tornava mais amedrontado sua fé enfraquecia.



“Salva-me Senhor”.

Começou então a afundar. “Salva-me Senhor”, gritou. Caminhando para Êle, Jesus, estendendo a mão tomou-o e disse: “Homem de pequena fé, porque duvidaste?” Então, talvez com a mão de Pedro na Sua, para infundir-lhe força e coragem, conduziu-o de volta à barca. Logo que se encontraram a bordo, o vento amainou, prevalecendo a calma. Que maravilhosa experiência! Não é de admirar que os que estavam

na barca prostraram-se em adoração, dizendo: “Verdadeiramente és Filho de Deus”.

Na manhã seguinte, bem cedo, a multidão que tinha sido alimentada, procurava por Jesus, mas não O encontrando, nem a Seus discípulos, concluíram que deveria ter retornado a Cafarnaum; muitos dêles entraram nos barcos para atravessar o lago. Encontrando Jesus a oeste do mar, disseram: “Mestre quando chegaste aqui?” O Senhor ignorou-lhes a pergunta e disse que não O estavam seguindo para ouvir palavras ou presenciar milagres, senão para ter seus estômagos satisfeitos.

Que fácil não seria a vida, devem ter pensado alguns, se pudessem apenas seguir Jesus de lugar a lugar e viver de Seus milagres. Nunca precisariam trabalhar nem se preocupar em ganhar a vida.

Ocasião havia chegado para ensinar uma grande lição a êsse povo, e separar os discípulos fiéis dos que eram curiosos ou O seguiam para vantagem. Portanto, Jesus aproveitou a ocasião, pregando o grande sermão do pão da vida: “Trabalhai não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus o Pai, o confirmou com o seu sêlo”.

Respondendo sua pergunta de como poderiam fazer os trabalhos de Deus, Jesus disse: “A obra de Deus é esta, que creiais n'Aquele que por Êle foi enviado”. É difícil imaginar que após tudo o que viram ainda pedissem um sinal, mas foi o que aconteceu e, ainda inaptos para se libertarem das coisas do mundo, pediram a Jesus: “Dá-nos sempre dêste pão”. “Eu sou o pão da vida”, disse Jesus, “o que vem a Mim jamais terá sede”.

Após melhor explicação acrescentou: “Porque eu desci do céu não para fazer a minha própria vontade; e sim a vontade d'Aquele que Me enviou”. Predisse então Sua ressurreição, bem como a exaltação de todos os que atendessem aos Seus desejos.

Tudo aquilo tinha pôsto Jesus zangado. Buscavam por pão, não por aquilo que parecia às suas mentes estreitas ser apenas um dúbio falar. Novamente disse Jesus: “Na verdade, na verdade vos digo quem crê em Mim tem a vida

(continua na página seguinte)

eterna". Depois explicou Sua relação com o Pai e a razão de ter vindo ao mundo, mas muitos não O compreenderam, ou consideraram "difícil" sua doutrina, murmurando contra Ele. Jesus, no entanto, sabia quem cria e quem não cria, e de certo falou tão poderosamente quanto o fêz, conforme demonstrado acima, para separar os fiéis dos incrédulos. Grande número dos Seus seguidores O abandonaram e não mais creram n'Ele.

Voltando-Se para os doze, Jesus disse: "Porventura quereis vós outros também retirar-

-vos?" Simão Pedro respondeu pelo grupo, dizendo: "Senhor, para quem iremos? Tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que Tu és o Santo de Deus". Retrucou-lhe Jesus dizendo: "Não vos escolhi em número de doze? Contudo um de vós é diabo". Referia-se a Judas Iscariotes que havia de trai-Lo. ■

Nota: — Referências encontradas nos capítulos 5 e 6 de João e 12 e 13 de Mateus.

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO
A TRANSFIGURAÇÃO

Sua Dúvida

(continuação da página 61)

"Agora sabeis mais: esta restauração acontecerá a todos, tanto velhos como moços, tanto escravos como libertados... tanto aos malvados como aos justos; e não se perderá um só fio de seus cabelos, mas tudo será restaurado em sua perfeita forma, ou no corpo como está agora, e todos serão levados perante o tribunal de Cristo, o Filho, e de Deus, o Pai, e o Espírito Santo, que são o Eterno Deus, para serem julgados segundo as suas obras, sejam elas boas ou más.

"Agora, eis que vos falei sobre a morte do corpo mortal, e digo-vos que este corpo mortal será ressuscitado num corpo imortal, isto é, passará da morte, mesmo da primeira morte, à vida, para não mais morrer; unindo-se seus espíritos com seus corpos, para não se dividirem mais; tornando-se o todo, assim espiritual e imortal, de modo que não possa mais ver a corrupção". (Alma 11: 42-45).

Alma testifica esta mesma coisa quando ao falar da ressurreição de nosso Senhor, que lhe dará poder de ressurgir todos os mortos. Diz ele:

"Sim, assim se dará a restauração daquelas coisas que foram faladas pelas bocas dos profetas.

"A alma será devolvida ao corpo e o corpo a alma: sim, e todos os membros e juntas serão devolvidos aos respectivos corpos: sim, até mes-

mo um fio de cabelo da cabeça não será perdido, mas tudo será devolvido à sua própria e perfeita forma". (Ibid., 40:22-23).

Não devemos julgar a ressurreição das pessoas em geral pela ressurreição de Jesus Cristo. É verdade que Ele apareceu a Seus discípulos e convidou-os a examinar as marcas dos pregos em Suas mãos, lado e pés, mas essa foi uma manifestação especial dada a eles. Deveríamos saber que os discípulos falharam em compreender que Ele devia ressurgir novamente; esta manifestação foi feita para o seu benefício. Tomé estava ausente e os discípulos tentaram com bastante dificuldade convencê-los que o Senhor havia ressuscitado. Tomé não era pior do que qualquer dos outros Apóstolos. Eles talvez tivessem feito exatamente o mesmo se acontecesse estarem ausentes. O Senhor lhes disse, repetindo-o mais tarde a Tomé: "Vêde as minhas mãos e os meus pés, que sou Eu mesmo; apaipai-Me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vêdes que Eu tenho". (Lucas 24:39; veja também 20:27).

Na vinda do Salvador aos Judeus, quando na hora de suas aflições, como está registrado em Doutrina e Convênios, seção 45, versículos 51 a 53, Ele lhes mostrará as chagas em Suas mãos e pés.

"E então os judeus olharão para Mim e dirão: o que são essas feridas em Tuas mãos e em Teus pés?

"Então saberão que Eu sou o Senhor, pois lhes direi: Estas feridas

são as que Me fizeram na casa de Meus amigos. Eu sou Aquêle que foi levantado. Eu Sou Jesus que foi crucificado. Sou o Filho de Deus.

"E então eles pranterão por causa das suas iniquidades e se lamentarão por terem perseguido o seu rei".

O Profeta Zacarias também profetizou sobre a segunda vinda do Salvador e sobre o Seu aparecimento aos judeus quando estes fugirem de seus inimigos e quando o Monte das Oliveiras se fender, formando um vale no qual procurarão refúgio. Nesse tempo determinado Ele aparecerá e eles Lhe dirão: "Que feridas são essas nas tuas mãos? Dirá Ele: "São as feridas com que fui ferido em casa dos Meus amigos". (Zacarias 13:6). Eles então lamentarão, família por família, por terem rejeitado o seu Senhor.

É verdade que Ele também mostrou essas feridas aos Nefitas quando os visitou, tendo esse mesmo propósito em vista, o de convencê-los de Sua identidade e de dar-lhes um testemunho de Seus sofrimentos. Dificilmente poderá ser aceito como fato que estas feridas tenham permanecido em Suas mãos, lados e pés todos esses séculos passados desde Sua crucificação e que venham a permanecer até a Sua segunda vinda, mas elas aparecerão aos judeus como uma testemunha contra seus pais e sua teimosia em seguir os ensinamentos dos mesmos. E, depois de muito prantearem e lamentarem serão purificados. ■

Meu testemunho

Ramo de Vila Mariana



HELIO DA ROCHA CAMARGO.

PARA muitas pessoas a experiência do contato com Deus tem se revestido de caráter de um verdadeiro cataclismo, algo instantâneo e violento como se fôra um relâmpago que rasgasse o céu inesperadamente. Dê-se tipo foi a conversão de Saulo, e da mesma natureza participa a experiência religiosa de Joseph Smith. A alma, nesses casos, sofre um abalo violento e, rendida, se lança imediatamente aos pés do Criador. A vida espiritual que se arrastava árida, seca, e como que a rastejar em trevas, é iluminada de imprevisto, atingida pela fulguração da Verdade Eterna. Temos então e de maneira súbita, a total transformação da personalidade. Aqui é um perseguidor dos crentes que se transforma em santo; ali um insignificante jovem da roça tornado em profeta e líder de incontáveis multidões; além são inúmeras outras pessoas, seres amorfos e sem nenhum valor espiritual que se elevam ao nível de filhos do Altíssimo.

Não foi assim comigo. Antes assemeelharia minha vida espiritual com o tranqüilo espetáculo do nascer do sol, onde não há nenhuma graduação violenta entre trevas e luz, mas aquelas vão se abrandando, em recuo constante, cedendo o passo gradativamente a esta que a cada instante se acentua, fazendo mais nítidos os contornos das coisas, mais vivos os efeitos das cores, até que se alcance a

plena claridade do sol: o dia perfeito.

Desde a infância tenho sentido a presença de Deus e buscado aproximar-me d'Ele. Filho de um lar protestante, cedo aprendi a amar as Escrituras e a buscar nelas a Sabedoria do Alto. O exemplo de meus pais, crentes dedicados, foi-me de grande valia e ainda hoje, a memória de meu pai é para minha vida uma fonte constante de inspiração espiritual.

Educado nas tradições da Igreja Metodista, desde a infância freqüentava a escola dominical e mais tarde participava ativamente de todas as demais organizações da igreja. Aos 12 anos, pouco depois do falecimento de meu pai, ingressei oficialmente na Igreja Metodista, mediante profissão de fé. Nunca alimentei dúvidas quanto à veracidade de suas doutrinas. Quando eventualmente surgia alguma questão menos compreensível, tranqüilizava-me com o pensamento de que os pastores por certo, seriam capazes de esclarecer tudo. A dificuldade em compreender certas coisas, atribuí-a antes a meu próprio desconhecimento da doutrina que a qualquer falha real em sua estrutura. No dia em que me fôsse dada oportunidade de estudar mais pontualmente o Evangelho, pensava, tudo se me esclareceria e a concordância perfeita entre a doutrina metodista e a Palavra de Deus surgiria insofismável aos meus olhos.

Nessa fé vivi muitos anos, nela organizei família e pelos seus princípios procurei pautar meus atos. A leitura da Bíblia, o estudo de questões teológicas, a história do cristianismo, sempre foram meus assuntos prediletos. De tal maneira me interessavam tais coisas que nunca me saciava de ler e pesquisar, e embora vivesse em constante atividade nas várias organizações da igreja, sempre desejava produzir mais e conhecer melhor. É se desejo, com o passar dos anos cada vez mais se acentuava, e a tal ponto que finalmente, tomei uma atitude por muitos considerada quase como sintoma de loucura: decidi mudar totalmente o rumo da vida e a despeito de ter já família constituída e a vida orientada em direção muito di-

versa, matricular-me na Faculdade de Teologia, com o objetivo de me preparar para o ministério metodista.

Um ano depois de me haver matriculado na Faculdade foi-me confiado o pastorado de uma igreja na capital paulista, ao mesmo tempo que prosseguia com o curso, conforme costume da Igreja Metodista. No desempenho dessas funções fui, certa feita, procurado pelo chefe de uma família que freqüentava as reuniões sem contudo se ter filiado oficialmente à igreja; dois missionários mormons lhe haviam visitado a casa e como era natural, vinha convidar-me a estar presente no próximo encontro. prontamente aceitei o convite, mas reconhecendo meu total desconhecimento das doutrinas mormons procurei adquirir alguma literatura. Com êsse fim estive incógnito, na Casa da Missão, de onde trouxe um exemplar do Livro de Mormon e outro do Comentário dos Artigos de Fé que passei a estudar. Infelizmente o encontro falhou, porquanto os missionários não compareceram na data marcada. Dei o assunto por encerrado, guardei os livros que apenas começara a ler e prossegui em minha vida de estudante e pastor.

Um dos costumes dos estudantes da Faculdade naquela época era o de convidar de tempos em tempos líderes de outras comunidades religiosas para fazerem preleções. Nessa linha de conduta vários elementos de outras igrejas e credos já tinham sido convidados a falar diante de alunos e professores. Ora, nesse tempo os missionários mormons andavam em grande atividade em S. Paulo e julguei oportuno sugerir fossem os mesmos convidados a falar, para que pudessemos avaliar exatamente quem eram, o que pregavam e o que pretendiam, colocando-nos assim em condições de lidar com eles com conhecimento de causa.

Aceita a sugestão, fui encarregado, eu mesmo, de estabelecer o contato com os mormons. Tornei pois à Casa da Missão, desta vez porém como portador do convite ao Presidente Sorensen. Lembro-me de o ter aconselhado a ir pessoalmente, temeroso de que perderíamos tempo se nos fôs-

sem enviados missionários jovens, que certamente não estariam em condições de enfrentar um auditório especializado como aquele; entretanto, o presidente não podendo ir, assegurou-me que mandaria missionários competentes em seu lugar.

No dia aprazado se apresentaram os rapazes. Muito moços ainda impressionaram a princípio por sua elevada estatura: eram eles, Elder Richardson, 1.º Conselheiro da Presidência da Missão, e Elder Call que por aquele tempo pouco conhecia de portugueses.

Para não me alongar demais direi apenas que o principal resultado da reunião foi a profunda impressão causada pelo testemunho de Elder Richardson. O comentário geral foi mais ou menos nestes termos: "Tudo o que eles pregam pode estar errado, mas é admirável a convicção que parecem ter". Outro aspecto impressionante do encontro foi a coragem e a calma com que aqueles moços enfrentaram um auditório constituído de estudantes, professores, e até doutores em teologia, com muitos anos de estudo e vários títulos.

Apesar da impressão causada e a despeito do interesse que tinham despertado os missionários, entretanto cedo nos esquecíamos do caso, empenhados em nossos estudos e trabalhos. A vida na Faculdade prosseguia sem qualquer abalo.

Algum tempo depois dêsse acontecimento, quando já o caso se tornara sem relêvo em nossa memória, surgiu um fato novo que, somado aos anteriores, iria ditar rumos novos a várias vidas. Estudava-se nessa ocasião na faculdade entre outra, a doutrina do batismo. O assunto empolgou os alunos e quando os estudos e debates se orientaram para o batismo de crianças, que a igreja metodista pratica à semelhança da maioria das igrejas protestantes, os alunos começaram a fazer perguntas aos professores e a pesquisar na biblioteca, inclinando-se um grande grupo a ver naquela cerimônia uma prática anti-bíblica, criada pela igreja Romana nos primeiros séculos do cristianismo e que deveria ser eliminada das igrejas protestantes por incompatível com as Escrituras.

As discussões se multiplicaram e à medida que estudava o assunto mais me convencia da inconsistência da doutrina. Finalmente procurei as autoridades da igreja e entreguei o pastoreio da congregação que me fôra confiada, declarando sentir-me impossibilitado de continuar naquela função, enquanto não me esclarecesse convincentemente sobre a questão do batismo infantil. Nesse ínterim contudo, prosseguiu meus estudos na Faculdade de Teologia, justamente visando obter maior conhecimento que me permitisse restabelecer a fé naquele princípio religioso.

Poucos dias depois o reitor nos chamou ao seu gabinete, a mim e outros três colegas que constituíamos o grupo dos que tinham se afastado do pastoreio por dúvidas sobre a validade do batismo infantil; um por um fomos interrogados pelos professores, terminado o que foi-nos entregue a cada um de nós uma carta marcando prazo até o fim do trimestre para nos retratarmos das opiniões emitidas, porquanto, se não o fizéssemos nesse tempo, seríamos expulsos da Faculdade.

Guardo ainda comigo essa carta como um dos documentos mais curiosos e estranhos que tenho lido. Processo deveras surpreendente de sanar dúvidas religiosas.

Dentro do prazo estipulado um dos quatro procurou a direção da casa, retratou-se e foi readmitido, mas os outros dois e eu, não encontrando argumentos que justificassem o batismo infantil, realmente nos desligamos da instituição e da igreja.

Sendo naturalmente inclinado para a vida religiosa passei a estudar as doutrinas e práticas das outras igrejas com redobrado afinho, no intuito de resolver a qual delas me deveria filiar então. Orava com frequência e fervor, pedindo a Deus que me desse a orientação verdadeira, não só por minha própria causa como também por ser casado e ter a obrigação de orientar no caminho certo os cinco filhos que o Senhor me dera.

Voltei a examinar os livros mórmons ao mesmo tempo que estudava os de outros credos religiosos. À medida que orava e estudava ia elimi-

nando uma a uma as várias denominações e ao mesmo tempo dedicava mais e mais atenção às doutrinas dos Santos dos Últimos Dias. Procurando então um contato mais direto com a Igreja passei a assistir as reuniões do Ramo do Centro, convidando mesmo o seu Presidente, Elder Fisher, para ir à minha casa, onde debatíamos alguns pontos de doutrina. Dêses contatos e palestras bem como das conversas com Elder Richardson e da leitura de vários livros que me foram emprestados, gradativamente, foi surgindo a verdade e se foi fazendo patente a lógica, a clareza e o perfeito entozamento daquelas doutrinas com a Bíblia. Faltava-me contudo o testemunho. Passei a orar mais, tornei a ler o Livro de Mormon, sempre na expectativa de que um raio de luz rasgasse o céu. Um dia, entretanto, cansado já de tantos estudos e confrontos, pus-me a fazer uma análise objetiva de minha posição religiosa: pesei meticulosamente todos os pontos, examinei a concordância de todas as doutrinas umas com as outras e todas com a Bíblia e percebi que já não necessitava mais de um relâmpago violento que me iluminasse o caminho. Eu esperava ansiosamente por um relâmpago fugaz, entretanto já estava caminhando em plena luz havia muito tempo. O conhecimento da verdade não me viera de súbito mas se fizera gradativamente, de modo tão suave e natural que eu nem ao menos percebera que já brilhava sobre mim por tanto tempo. Ajoelhei-me então e agradei ao Pai por me ter revelado a Sua Verdade.

Fui admitido à Igreja de Jesus Cristo em junho de 1956 e pouco tempo depois minha espô a também se batizou. Hoje somos com a Graça de Deus, contados dentre os seus Santos dos Últimos Dias.

Quero deixar aqui registrado, juntamente com meu testemunho a prece que elevo ao Pai Celestial para que permita que estas palavras possam ser de proveito para o crescimento espiritual daqueles que as leem: eu as tenho escrito em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

■ *Hélio da Rocha Camargo*

Sacerdócio da Missão

EDITORES: Presidente Wm. Grant Bangerter e William S. Reich



GRUPO DOS ÉLDERES DO RAMO DE S. PAULO — Da esquerda para a direita: José Lombardi, Gary Neckeman, George Lippelt, Werner Spori, Narciso Zenaro, Walter Spät, Yamane Sirouka, Ricardo Brunner, Lívio Benini, Frederico Mardonado Puertas.

FEIRA ARTÍSTICA

Pinturas, desenhos, trabalhos em madeira, cestas, cerâmica, costura, arte culinária, como também galinhas e flôres, foram alguns dos muitos artigos expostos no Ramo do Centro no dia 13 de dezembro. Tudo isso foi parte de um projeto especial de Grupo dos Élderes de São Paulo. Os Élderes trabalharam com afinco durante 1958 a fim de preparar seus artigos para a Feira Artística. Muito talento e tempo foram gastos para fazer os muito graciosos e úteis artigos.

O propósito da Feira Artística foi o de auxiliar a desenvolver talentos dentre os membros.

Um "show" especial foi primeiramente apresentado pela A. M. M. e membros do sacerdócio para os que estavam presentes. Depois do "show", os membros foram ao salão de recreação para admirar a exposição e comprar artigos de seu agrado. Tudo foi vendido. O dinheiro apurado será usado para o fundo de construção e também para o Quorum.

Os artigos foram julgados para ver qual era o mais belo, o mais útil e o mais original.

Estamos verdadeiramente felizes com o Quorum de Élderes da Missão e com o progresso que realizaram durante 1958.

Ordenada pelo Senhor a Assistência à Reunião Sacramental

O propósito primário para a assistência à Reunião Sacramental é a participação do Sacramento. Por esta razão esta reunião foi designada com esse nome. A despeito da claridade das duas revelações dadas nesta dispensação, instruindo os membros da Igreja a irem à Casa do Senhor no Seu dia, há ainda aqueles que pensam que se assistirem à Escola Dominical, participando do sacramento, não têm obrigação de assistir à Reunião Sacramental.

A primeira vez que o Senhor mencionou a participação do sacramento nesta dispensação foi ao dar ao Profeta Joseph Smith a revelação concernente à direção da Igreja. Nessa ocasião Ele disse:

"É conveniente que a Igreja se reúna amiúde para partilhar do pão e vinho em memória do Senhor Jesus" (D. & C. 20:75).

Mais tarde, ao dar ênfase à santidade do Dia do Senhor, Ele instruiu os Santos a irem à casa de oração neste dia, para oferecer seus sacramentos (Ibid., 59:9). A primeira dessas revelações foi dada em abril, antes da organização da Igreja, dia 6 de abril de 1830. Dezesesseis meses mais tarde, 7 de agosto de 1831, foi dada a segunda revelação.

Sendo que a primeira Escola Dominical não foi realizada senão em 9 de dezembro de 1849, não há dúvida que em ambas as revelações citadas o Senhor estava se referindo à Reunião Sacramental e não à Escola Dominical.

A Reunião Sacramental, portanto, é a reunião oficial da Igreja. Embora a Escola Dominical seja uma

reunião maravilhosa não toma, de maneira alguma, o lugar da Reunião Sacramental. Não há razão para confusão neste assunto. Todos os membros da Igreja estão sob a obrigação de assistir à Reunião Sacramental todas as semanas.

Como Procede Você no seu Trabalho?

UM dos aspectos mais importantes ao êxito do Mestre Visitante é o seu exemplar comportamento. Nossa atitude determina a qualidade de nosso sucesso. Se somos entusiastas espelhamos nossos sentimentos com um trabalho satisfatório. Se o fazemos com desinteresse, êle será mediocre. Se somos indiferentes, isso repercute no trabalho que se torna improdutivo. Felizmente a atitude não é uma condição permanente que não possa ser modificada. Obtendo-se um entendimento melhor dos propósitos de nossa missão, da sua extensão e responsabilidade, e de tudo que necessário fôr para mudar nosso estado de espírito e ampliar nossa apreciação de tudo o que a princípio parecia desinteressante e sem objetivo. Embarçam-se os Mestres Visitantes com idêntico problema. Para alguns a tarefa é desagradável e até subalterna. Uma impressão negativa gera-se. O Mestre Visitante não aproveita o tempo para analisar amplamente os objetivos dêste grande programa. Como decorrência êles se tornam complacentes em vez de colocarem todo o seu coração e vontade em seu trabalho. Há um velho provérbio que diz do valor de se compreender as possibilidades potenciais de nossa atividade. Expressa-se-o como segue: "O trabalho sem ideal é enfadonho; ideal sem operosidade é sonho; porém, a tarefa desempenhada com ideal é sublime". Sem ideal próprio os Mestres Visitantes estão impossibilitados de compreender a magnitude de sua responsabilidade. Como decorrência êles consideram como ressentidos de recursos naturais. Nada mais é do que preguiçoso sonhar ter ideal sem a boa vontade de associar o esforço físico e mental para realizar o que a gente sabe devia ser

(conclui na página seguinte)

Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

Lição N.º 5 — Maio de 1959

OS PADRÕES DA IGREJA

Vivemos dias em que "compromissos" são freqüentemente sugeridos aos membros que estão tentando viver de acôrdo com os padrões da Igreja. Comprometer-se, significa dar alguma coisa — fazer uma concessão. Para os Santos dos Últimos Dias o comprometer-se significa ameaçar os padrões pelos quais vivem. Aquêles que fazem "propostas" acusam aquêles que não se rendem aos seus convites de serem antiquados, medrosos ou outros adjetivos mais. Essas pessoas querem fazer crer que a mudança de épocas e de condições justifica também a modificação de padrões.

Os padrões da Igreja são os padrões do evangelho de Jesus Cristo. Os ensinamentos do Salvador durante o Seu ministério e os ensinamentos que Êle tem dado através de Seus profetas desde a Sua ressurreição são as bases para os padrões atuais. Êsses padrões são permanentes e imutáveis. Quão próximo nós venhamos a vivê-los depende de quão forte é a nossa convicção e de quão bem entendemos o evangelho.

Os padrões da Igreja requeerem: amor a Deus; fé no Salvador e em Sua missão; amor ao próximo; aceitação de Joseph Smith e seus sucessores como profetas de Deus; respeito para com o Sacerdócio; obediência aos mandamentos do Senhor e aos ensinamentos de seus servos; observância do Dia do Senhor; pagamento do dízimo; cumprimento da Palavra de Sabedoria e lealdade à Igreja e seus líderes.

Os padrões da Igreja requerem: amor a Deus; fé pessoal de todos seus membros. Não há padrões duvidosos de moralidade. A lei da castidade é tão válida para os homens como o é para as mulheres.

O mundo tornou-se egoísta e usurpador, mas êsse fato não altera os padrões de honestidade. As medidas, pesos, contas e valores completos, quer comprando ou vendendo, serão sempre os padrões de honestidade ao negociarmos com nosso próximo.

Nunca tem havido e nunca haverá mudança no padrão da verdade. Esta qualidade durável inclui tôdas as virtudes de um nobre caráter. Aquêles que são conscientemente verdadeiros falam a verdade, pensam a verdade e vivem a verdade.

Êstes são os padrões básicos do código pelo qual os Santos dos Últimos Dias devem padronizar suas vidas. O mais feliz, o mais satisfeito, e o mais abençoado povo em todo o mundo é aquêle que vive de acôrdo com êstes imutáveis padrões.

(traduzido por NIVALDO BENTIM)

concretizado. Todavia, quando a tarefa é animada pelo ideal, a realização atinge ao máximo de rendimento proveitoso.

Os Mestres Visitantes são comissionados com uma das mais árduas responsabilidades na Igreja, porém, com uma atuação negativa, eles nunca podem esperar concretizar o que o Senhor teve em mente quando expressamente emitiu esta ordem:

“Atentai que todos os membros cumpam com seu dever”. Para aqueles que são concienzosos neste trabalho sempre haverá horas de desalento, porém, estes períodos são de temporária duração. O Mestre Visitante tem como o seu mais alto objetivo a salvação das almas.

Este é o propósito primordial do Evangelho.

As alegrias que advêm para aqueles que trabalham com esta finalidade de ultrapassam de muito os prazeres comuns, e duram para sempre porque são divinas. Os Mestres Visitantes que são mal sucedidos em seu trabalho deviam procurar mudar a sua atuação. A razão de suas tristezas com o trabalho repousa em si mesmos e não em suas atribuições. ■



GRUPO DOS ÉLDERES DO RAMO DE JOINVILE — Da esquerda para a direita: Wilhelm L. Siedschlag, João Braganini, Oscar Piske, Luís Köch, Alvin Baosch.

ATIVIDADES DOS GRUPOS DE ÉLDERES DO 1.º QUÓRUM DA MISSÃO BRASILEIRA — Mês de Setembro de 1958 (*)

Líder do Grupo	Ramo Grupos	N.º de Élderes	% de frequência nas Reuniões		Élderes em Missão
			Sac.	Sacr.	
Dib Antônio Gay	Campinas	10	32,00	50,00	
Frederico Rau	Ipoméia	7	34,14	34,14	
Oscar Piske	Joinvile	6	65,00	52,00	
Arnaldo Gaertner	Ponta Grossa	5	100,00	100,00	
Otto H. Klein	Pôrto Alegre	6	37,00	33,33	
Jorge Aoto	Ordem	8	53,00	69,44	
Luís Cunha Bueno	Rio Claro	5	80,00	85,00	
Walter Spät	São Paulo	13	44,23	48,08	

N.º de Élderes em outros Ramos: 30.

NOTA: Os itens não preenchidos o são por falta de Relatórios.

(*) Em substituição do mesmo mês que foi publicado na “A Liahona” de 1959, e que por um lapso de redação saiu errado.

RESUMO DOS RELATÓRIOS DOS MESTRE VISITANTES DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1958

DISTRITOS	% das Famílias Visitadas	% das Fam. - Mest. Visit. Pres. Reunião Relatário
Bauru	53	56
Campinas	40	—
Curitiba	46	10
Joinvile	30	52
Juiz de Fora	46	—
Pôrto Alegre	40	33
Rio Claro	68	52
Rio de Janeiro	11	15
São Paulo	40	50
São Paulo (Cap.)	25	50
MISSÃO	41	37

RAMOS COM 100% DAS FAMÍLIAS VISITADAS

- Sarto André (3).
- Porto União (2).



O Histórico Tabernáculo na Praça do Templo

Poucos prédios na América atraem tanta atenção dos visitantes interessados. Aproximadamente um milhão de turistas, de todos os Estados da União e de muitas terras estrangeiras, visitam esta construção anualmente.

Devolver a
A LIAHONA
Caixa Postal, 862
São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada
dentro de 30 dias.

PORTE PAGO